

COMPREENDENDO O CIÚME ROMÂNTICO EM DIFERENTES ENFOQUES

Maria Clara Moreira de Lima¹

Vicente Cassepp-Borges²

Resumo

O ciúme possui alguns aspectos positivos, podendo ajudar na manutenção do relacionamento. Porém, pode causar prejuízo para os envolvidos, sendo associado a aspectos psicológicos como baixa autoestima, dificuldades no relacionamento e violência doméstica. Por sua importância, vem sendo objeto de estudo de diversas áreas e perspectivas, embora pouco mencionado na literatura brasileira. Esse estudo analisou o ciúme romântico por meio de uma revisão de literatura das concepções Cognitivista, da Análise do comportamento e Evolucionista. Também se verificou o papel da cultura, além de uma análise sobre a produção científica nacional na área. As perspectivas teóricas possuem mais semelhanças do que divergências entre si. Espera-se que esse estudo ajude no desenvolvimento da área no Brasil, incentivando futuras pesquisas.

Palavras-chave: Ciúme; Relacionamentos Românticos; Esquema; Análise do Comportamento; Psicologia Evolucionista.

UNDERSTANDING ROMANTIC JEALOUS IN DIFFERENT APPROACHES

Abstract

Jealousy has some positive aspects, which can help in maintaining the relationship. However, it can often cause harm to those involved, being associated with psychological aspects such as low self-esteem, relationship difficulties and domestic violence. Due to its importance, it has been the object of study of several areas and perspectives, although few mentioned in Brazilian literature. This study analyzed the

¹ Maria Clara Moreira de Lima: Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professora do Centro Universitário Geraldo Di Biase

² Vicente Cassepp-Borges: Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO) pela Universidade de Brasília (UnB). Concluiu o Pós-doutorado em Psicologia Quantitativa pela University of California (Davis) em 2016. Atualmente, é Professor Associado na Universidade Federal Fluminense - Polo Universitário de Volta Redonda.

romantic jealousy through a literature review considering Psychoanalytic, Behavior Analysis and Evolutionary. The role of the culture of jealousy was also verified, besides an analysis on the national scientific production in the area. The theoretical perspectives have more similarities than and divergences between them. We hope that this study will help in the development of the area in Brazil, encouraging future research.

Keywords: Jealousy. Romantic relationships. Schemas. Behavior Analysis. Evolutionary Psychology.

Introdução

O campo de pesquisa do amor e dos relacionamentos amorosos era pouco estudado no Brasil há cerca de 20 anos (HERNANDEZ, 1999; REIS, 1992, 1995). A partir de então, no contexto do surgimento da Psicologia Positiva (SELIGMAN e CSIKSZENTMIHALYI, 2000), diversos estudos sobre o amor foram publicados no Brasil (por exemplo, CASSEPP-BORGES e TEODORO, 2007; DE ANDRADE e GARCIA, 2009), sendo necessárias as atualizações nas revisões de literatura brasileiras sobre o tema (CASSEPP-BORGES e Pasquali, 2013; MARTINS-SILVA, TRINDADE e SILVA JUNIOR, 2013; SHIRAMIZU e LOPES, 2013) e sobre seus instrumentos de medida (CASSEPP-BORGES e DE ANDRADE, 2013).

Afastado do propósito da Psicologia Positiva de pesquisar as melhores emoções humanas, mas ainda no contexto dos relacionamentos amorosos, o ciúme há séculos tem sido fonte de diversas obras literárias (por exemplo, Machado de Assis) e é discutido por diversas áreas do conhecimento como Antropologia (MEAD, 1977/1998), Sociologia (CLANTON, 1977/1998) e Medicina (COSTA, 2010). O ciúme é uma emoção forte e que afeta todas as pessoas. Ele é uma das principais causas de dificuldades nos relacionamentos amorosos e sexuais, estando relacionado a aspectos psicológicos como baixa autoestima (DESTENO, VALDESOLO e BARTLETT, 2006). Destaca-se, ainda, sua relação com a agressividade, principalmente na violência contra a mulher (COSTA e BARROS, 2009). Apesar disso, não foi localizada nenhuma revisão de literatura sobre o tema no Brasil.

Trata-se de um conceito de difícil definição. No âmbito da Psicologia, diferentes concepções o estudaram. Sua manifestação ocorre em diferentes

relacionamentos interpessoais, quando associado ao relacionamento amoroso é denominado de ciúme romântico, podendo ser normal ou patológico. O ciúme se manifesta quando ocorre alguma ameaça ao relacionamento. Ele pode variar nas diferentes culturas e depende das condições impostas no relacionamento e do contexto sociocultural.

O ciúme normal surge quando há uma ameaça real ao relacionamento e o indivíduo se sente incomodado com alguma atitude do parceiro ou de terceiros. Entretanto, quando o ciúme se torna paranoico, ele se torna patológico e causa prejuízos para o relacionamento. No ciúme patológico, o ciumento está convencido da possibilidade de seu parceiro o trair. Desta maneira, nenhuma prova de sua fidelidade é suficiente, pois não se trata de uma ameaça real, é uma ameaça imaginária, na qual o parceiro é sempre culpado. O ciúme patológico apresenta-se de forma intensa e causa danos para todos os envolvidos, podendo despertar reações agressivas, principalmente nos homens (LACERDA e COSTA, 2013).

Embora já existam diversas revisões de literatura sobre o amor, não foi encontrada nenhuma produção científica revisando especificamente o ciúme. Esse artigo tem o objetivo de apresentar o ciúme dentro da psicologia nas diferentes concepções: destacando-se a Cognitivista, a Análise do comportamento e a Psicologia evolucionista, para fornecer evidências científicas que podem ser consultadas, por exemplo, em intervenções psicológicas ou na construção de instrumentos de medida. Também serão apresentadas a relação com a cultura, distinção entre o ciúme normal e o ciúme patológico e alguns estudos brasileiros na área, que utilizaram como referencial teórico as teorias citadas acima. Portanto, estudando diferentes perspectivas do ciúme e analisando estudos empíricos, temos um melhor entendimento da sua complexidade, em vários aspectos, para optar por um tratamento eficaz e adequado ao quadro ciumento.

Concepção do Ciúme Como Esquema

O ciúme se configura como uma estrutura complexa, que envolve sentimentos

distintos como raiva, medo, dor e culpa, que se combinam entre si frente a ameaça por um rival de um relacionamento considerado importante. Essa complexa interação presente nos relacionamentos pode ser explicada pelo conceito de esquema relacional (RAMOS, 2000; BALDWIN, 1995). O esquema relacional considera os aspectos cognitivos, emocionais e as reações frente ao ciúme (BALDWIN, 1995), o esquema relacional age como um filtro entre o indivíduo e o ambiente, no qual permite a pessoa fazer inferências, classificar e interpretar sequências complexas de eventos a partir de experiências repetidas, ou seja, um esquema a um determinado domínio permite processamento de grandes quantidades de informações de forma rápida e econômica (RAMOS, 2000).

A teoria do esquema de ciúme permite identificar, categorizar, interpretar e reagir a situações interpessoais a partir da articulação das experiências do indivíduo ao longo de sua história de relacionamentos. Sendo assim, o ciúme não é um produto imediato de certas combinações de estímulos, mas depende da percepção de cada indivíduo quanto a situação ameaçadora, organizado pelo seu esquema mental (RAMOS, 2000; BALDWIN, 1995).

Alguns aspectos podem inferir na avaliação da interação entre o parceiro e um intruso, como regras culturais que indicam ações que ferem as bases de relacionamento, conhecimento sobre o passado e presente do parceiro (ELLIS e WEINSTEIN, 1986). Essa avaliação deriva do aspecto cognitivo de cada pessoa, por um processo de evolução com uma dimensão ontogenética. Concomitante a essa esfera, existe a dimensão filogenética, caracterizada pelas potencialidades do ser humano. Desta forma, ainda que existam variações individuais, há uma maneira de conceber o ciúme socialmente compartilhada, uma orientação que pode ser seguida pelo sujeito, de acordo com sua própria leitura (RAMOS, 2000).

Concepção da Análise do Comportamento do Ciúme

A teoria comportamental se apoia no evolucionismo de Darwin (1936), reconhecendo três níveis de seleção que, segundo Skinner (1953/2003), irão atuar

como conjunto de variáveis que determinarão o comportamento humano: filogenético, ontogenético e cultural. O nível filogenético do ciúme é resultado das vantagens que essa emoção apresentou para a reprodução da espécie. A ontogenética refere-se à aprendizagem do indivíduo e a um conjunto de variáveis que podem ser reforçadas positivamente e negativamente ao longo de sua história e modelam seu comportamento. No nível cultural, esse sentimento do tipo emoção pode ter valor positivo, ao ser visto como fundamental aos relacionamentos e sua falta como ausência de amor (COSTA, 2005).

Skinner (1991), classificou o ciúme como um comportamento constituído tanto de respostas emocionais públicas quanto privadas. Para Catania (1998/1999), embora essas respostas sejam indissociáveis, elas não possuem causalidade entre si, possuem relações funcionais entre eventos ambientais e respostas do organismo: Ao sentir ciúme, o indivíduo experimenta reações fisiológicas como aceleração do batimento cardíaco, aperto no peito. Essas sensações são eventos privados, eliciadas no condicionamento reflexo, ao passo que, as respostas emocionais públicas são visíveis e retratam a maneira como o indivíduo reage frente a uma situação causadora de ciúme. Ligar toda hora para o parceiro, ter reações agressivas, entre outros comportamentos, são exemplos disso. A frequência desses comportamentos pode aumentar ou diminuir em virtude de reforçadores (COSTA, 2005).

Quando surge um possível rival, o indivíduo apresenta comportamento privado e público do tipo ciúme. Esse comportamento pode ser reforçado positivamente ou negativamente, ao obter atenção do parceiro e receber elogios, tais como: “não precisa se preocupar, para mim só existe você”, “eu te amo”, é reforçado positivamente e ao afastar o competidor e se esquivar de críticas sociais, é reforçado negativamente. Há diferença entre sentir e demonstrar ciúme, enquanto o primeiro comportamento tem como finalidade eliminar uma possível ameaça, o último pode ser controlado por regras sociais, como esquiva da pressão social, pois sua falta pode ser punida pelo parceiro e pela sociedade (Costa, 2005).

Concepção Evolucionista do Ciúme

Para a Psicologia Evolucionista, o ciúme romântico surge como uma resposta estratégica a problemas específicos. A monogamia, relação com apenas um parceiro, é relativamente rara entre os mamíferos, cerca de 3% das espécies apresentam esse comportamento, com maior porcentagem entre os primatas (YOUNG, WANG e INSEL, 1998). Para a espécie humana, a monogamia apresenta um valor adaptativo ao proporcionar acesso ao potencial reprodutivo do parceiro e cuidado parental, fundamentais para o sucesso reprodutivo (BUSS, 2000; HILL E DELPRIORE, 2012). Para a fêmea, o companheiro proporciona proteção e segurança para ela e para a prole, enquanto para o macho, que perpetue seu material genético por meio da reprodução bem-sucedida.

Uma ameaça ao relacionamento e possível traição implicaria em perdas para ambos, para a mulher na perda do cuidado de seu parceiro, enquanto para o homem em investir no filho de outro. Portanto, o ciúme surge como uma resposta adaptativa para o custo da infidelidade (BUSS, 2000; HILL e DELPRIORE, 2012). A Psicologia Evolucionista postula que existe uma natureza humana universal, uma estrutura de mecanismos psico-fisiológica originária pelas adaptações desenvolvidos ao longo do tempo evolutivo. Os processos de aprendizagem são compreendidos como resultado da interação entre esses mecanismos e circunstâncias ambientais únicas para cada indivíduo (LORDELO, 2010). Sendo assim, comportamentos provenientes da seleção natural e seleção sexual podem variar de acordo com dilemas adaptativos encontrados pelos indivíduos de um determinado local, variando com o contexto cultural e pelas particularidades dos indivíduos (YAMAMOTO, LEITÃO e HATTORI, 2018).

Ciúme e suas Facetas

O ciúme é interpretado como um sinal de amor, ensina as pessoas a não menosprezar os parceiros, torna os relacionamentos mais duradouros e excitante

(PINES e ARONSON, 1983; COSTA, 2005; RAMOS, 2000). Mas, quando é dominado por pensamentos irracionais ou pela certeza da infidelidade sexual do parceiro sem evidências fundamentadas, o ciúme torna-se patológico (MARAZZITI ET AL., 2013).

Para Bueno e Carvalho (2012) e para Costa (2005), o ciúme patológico é o medo da perda do parceiro por um rival real ou imaginário. Ele gera sofrimento para a própria pessoa e para o companheiro. Os ciumentos patológicos apresentam uma autoestima muito rebaixada e são pessoas sensíveis, que podem apresentar comportamentos violentos e egoístas como defesa (TORRES, RAMOS-CERQUEIRA e DIAS, 1999) e têm contato com várias emoções, como ansiedade, depressão, raiva, vergonha, insegurança, humilhação, perplexidade e culpa. Kuruppuarachchi e Seneviratne (2011), abordaram o ciúme patológico como desadaptativo, pois traz consequências para ambos os parceiros e, em alguns casos, apresentam relação com transtornos, esquizofrenia, depressão, desordem delirante, transtorno de personalidade, abuso de álcool ou distúrbios orgânicos (MARAZZITI ET AL., 2013).

O ciúme patológico não tem uma causa definida. Uma possível explicação é de que patologias orgânicas podem afetar a estrutura do cérebro, removendo o controle sobre o comportamento instintivo. Quase 15% dos pacientes com ciúme patológico mostram ter uma condição orgânica, como lesões na cabeça, degenerativas e traumáticas podem remover as inibições e o controle do comportamento humano, estabelecendo um sentimento possessivo intenso semelhante ao do reino animal (MULLEN E MAACK, 1985 em KURUPPUARACHCHI e SENEVIRATNE, 2011).

Marazziti, Akiskal, Rossi e Cassano (1999) relataram que o ciúme obsessivo está associado a uma anormalidade específica do transportador de serotonina plaquetária; estudos envolvendo ressonância magnética ressaltam que o ciúme está associado ao recrutamento de áreas cerebrais que mediam a mentalização, as emoções básicas e experiência somática e visceral. Como um todo, essas descobertas sugerem que o ciúme é modulado por sistemas monoaminérgicos (TAKAHASHI H ET AL., 2006). O sistema monoaminérgico é responsável por algumas substâncias de recompensa, que proporcionam o vínculo entre o casal,

como o caso do hormônio dopamina (KANDEL, SCHWARTZ e JESSELL, 2003). Então, presume-se que quanto maior o vínculo entre os parceiros, maior será a intensidade do ciúme sentido.

Quando há envolvimento emocional e sexual, o organismo humano sofre alterações cujo objetivo é formar vínculo com o parceiro; na presença de um possível rival, o indivíduo experimenta uma combinação de emoções, como raiva e medo. Essas mudanças possuem valor adaptativo de manter a relação entre os parceiros. Esse comportamento é dependente de estímulos sociais específicos, podendo variar socialmente. Portanto, o ciúme não pode ser visto como um processo genético enraizado no circuito neural, mas como substratos cerebrais evolutivamente bem preparados para manutenção da relação (SUN ET AL, 2016).

O ciúme é um sentimento que sempre esteve presente nas civilizações; é considerado um mecanismo de proteção aos relacionamentos ditos importantes, sentido a partir de uma avaliação que a própria pessoa faz em situações consideradas nocivas ao seu relacionamento e de acordo com as diferentes culturas e suas ideologias, ele pode ser sentido e expressado de diversas maneiras (RAMOS, 2000). Alguns investigadores têm explorado as diferenças culturais e descobriram que é sentido em maior intensidade em sociedades que atribuem maior importância a casamento e propriedade privada (HARRIS, 2004; HUPKA, 1981). Menezes e Castro (2001) ressaltaram a contribuição dos valores capitalistas, exclusividade e competição, para ocorrência de comportamentos ciumentos.

Na sociedade ocidental, a noção de exclusividade predomina nos relacionamentos, ocorrendo maior preocupação com a infidelidade sexual, enquanto em sociedades onde o sexo extraconjugal é tolerado, existe menos preocupação com a infidelidade sexual, comparado com a infidelidade emocional (HARRIS E CHRISTENFELD, 1996). Na América, as sociedades latinas, que veem o ciúme como benéfico, apresentam maior ciúme, enquanto as sociedades anglo-saxônicas que o avaliam como perigoso a relação apresenta ciúme em menor intensidade (REISS, 1986). Essa diferença cultural interfere também na maneira como os gêneros irão sentir ciúme, Buunk, Angleitner, Oubaid e Buss, (1996) constataram que holandeses e alemães mostram ter menos diferença ao demonstrar ciúme entre os gêneros que os americanos. Deve-se também considerar as individualidades e

particularidades dos relacionamentos. O ciúme pode variar de cultura para cultura, de namoro para namoro, dentro de uma mesma cultura existem situações que podem ser consideradas normais para um casal e inusitadas para outros. Dentro da sociedade ocidental, sua falta e seu excesso são vistos como inapropriados e preocupantes, o primeiro por ser entendido como um desgaste no relacionamento e o segundo por despertar atitudes inconvenientes e agressivas.

Medidas do Ciúme e Estudos no Brasil

No contexto brasileiro, existem poucos estudos sobre o ciúme romântico. A maioria deles utilizou escalas para mensurar o construto. Dois instrumentos se destacam: a Escala de Ciúme Romântico-ECR (RAMOS, YAZAWA e SALAZAR, 1994), com três fatores principais (não ameaça, exclusão e interferência) e o Inventário de Ciúme Romântico-ICR (CARVALHO, BUENO e KEBLERIS, 2008) com seis fatores principais, sendo três avaliando aspectos de uma possível interação entre o parceiro e um rival e três reações agressivas, de baixa autoestima e investigação. Os dois instrumentos foram formulados a partir da leitura de teóricos que empenharam em estudar o ciúme e suas variáveis e apresentaram boa confiabilidade de medida.

A Escala de Ciúme Romântico-ECR, possui uma estrutura mais simples que o Inventário de Ciúme Romântico- ICR (GOUVEIA et al., 2015), foi criada em 1994 por Ramos, Yazawa e Salazar, o instrumento piloto foi composto por 59 itens no formato Likert de 5 pontos, no qual, os participantes respondiam 1 discordo completamente, 2- discordo, 3- Em dúvida, 4- Concordo e 5- Concordo completamente, de acordo com o que os itens evocavam neles. A escala foi confeccionada em duas versões, uma para a amostra feminina e uma para a masculina, com diferenciação somente no gênero dos adjetivos, sendo metade dos itens foram formulados negativamente (Ramos, 2000).

No estudo original, os autores encontraram uma estrutura de três fatores principais: não ameaça, exclusão e interferência. Em sua tese de doutorado, Ramos

(1998), utilizando a versão final de 52 itens (7 itens pilotos foram excluídos por não apresentarem cargas fatoriais e/ou coeficiente de correlação que justificassem inclusão), nomeou a estrutura de três fatores em aceitação, dor e raiva. Os itens de aceitação descrevendo situações normais e sem ameaça na interação do parceiro (a) com uma terceira pessoa; os de dor representam reações que evocam desconforto emocionais, como irritação ou indignação e os itens de raiva, reações de revolta (RAMOS, 2000).

O inventário de ciúme romântico (ICR) foi construído e estudado por Carvalho, Bueno e Kebleris em 2008. Na Escala original do Inventário do Ciúme Romântico (2008), foram desenvolvidos 60 itens, que permaneceram na escala final, sendo alguns modificados para melhor compreensão. Esses itens foram propostos de acordo com a escala Likert de cinco pontos, na qual deve-se responder uma afirmação de forma “nada característica” correspondendo a 1 “pouco característica” a 2, característica a 3, muito característica a 4 e totalmente característica a 5. Contendo um conjunto de seis fatores, ciúme romântico (F1), não-ciúme (F2), não agressão (F3), desconfiança (F4), investigação (F5) e insegurança (F6) dois fatores de segunda ordem: Fator 1: Ciúme e Fator 2: Não- ciúme. Segundo os autores, a escala apresentou bons indicativos de validade e precisão, com a confiabilidade alfa de Cronbach variando de 0,62 a 0,89.

Essas escalas apresentam evidências de validade fatorial e consistência interna, sendo instrumentos úteis para a atuação do profissional de Psicologia, tanto na Clínica, quanto no âmbito da pesquisa. Encontram-se pesquisas empíricas relevantes e inovadoras na bibliografia brasileira e internacional, que utilizaram essas ferramentas como metodologia, como exemplo, as dissertações de Almeida (2007) e de Vieira (2014) e a adaptação do Inventário de Ciúme Romântico (ICR) para a população portuguesa, realizado por Bueno et al. (2012).

O trabalho de Almeida (2007) teve como objetivo verificar a relação entre ciúme romântico e infidelidade amorosa, participaram 45 casais heterossexuais recrutados por anúncios colocados em um *site* na Universidade de São Paulo (USP), o autor utilizou a Escala de Ciúme Romântico-ECR para avaliar o ciúme e para a infidelidade, foi utilizado o Inventário de Comportamento Relacionados à infidelidade. A pesquisa foi realizada em duas etapas, na primeira etapa os participantes

respondiam de acordo com relacionamentos passados e o relacionamento atual; meses depois, realizaram a segunda etapa, na qual foram solicitados a responder as escalas baseado no relacionamento que possuíam na primeira parte da coleta e que indicassem o número de infidelidade desde a primeira aplicação.

O autor avaliou os escores obtidos pela Escala de Ciúme Romântico- ECR em Ciúme I e ciúme II, correspondentes a aplicação da primeira e segunda etapa, respectivamente; quanto ao Inventário de Comportamento Relacionados à infidelidade, foram analisados quatro momentos, a infidelidade I (escores dos participantes por ocasião na primeira etapa), a infidelidade II, (escore dos participantes por ocasião na segunda etapa), infidelidade III (escore pelos parceiros por ocasião da primeira etapa) e infidelidade IV (escore pelos parceiros por ocasião da segunda etapa). Um dos resultados obtidos evidenciou que os escores de ciúme da primeira etapa estão correlacionados aos escores da infidelidade pelos parceiros por ocasião da segunda etapa ($r= 0,248$; $90gl\ p=0,018$). Esse resultado sugere que quanto maior o ciúme de um participante, maior a chance deste ser traído por seu parceiro, estando então, o ciúme associado à infidelidade amorosa.

O Inventário de Ciúme Romântico foi adaptado para a população portuguesa por Bueno et al. (2012), o instrumento adaptado foi respondido por 808 participantes portugueses e as análises fatoriais exploratórias indicaram resultados semelhantes ao encontrado em um estudo prévio com participantes brasileiros. Todos os fatores apresentaram índices de fidedignidade superiores a 0,8, evidenciando-se a qualidade da medida também fora do Brasil.

Ainda em Portugal, foi realizado um estudo com o objetivo de compreender o ciúme e sua relação com a diferença entre sexos, com traços de personalidade e dinâmica familiar (lugar em que cada um ocupa na família em relação aos irmãos ou ausência dos mesmos). Foram utilizados como instrumentos de medidas o Inventário de Ciúme Romântico, a Escala Multidimensional do Ciúme e o Neo-Five Factor Inventory para os cinco traços de personalidade. O estudo contou com uma amostra final de 126 sujeitos e os resultados obtidos pelo Inventário de Ciúme Romântico de forma geral evidenciaram diferença tendendo à significância entre os sexos [$U = 2,35$; $p=0,073$], no qual a amostra masculina [$M(DP)= 65,06 (14,52)$] apresentou maior média comparada a feminina [$M(DP)= 60,98(13,68)$]. Quanto aos

traços de personalidade e ciúme, o total do ICR apresentou correlação positiva com neuroticismo [$r = 0,28$; $p < 0,01$]; negativa com amabilidade [$r = -0,18$; $p < 0,05$] e conscienciosidade [$r = -0,21$; $p < 0,05$]. Não foi encontrada relação do ciúme com a posição familiar (VIEIRA, 2014).

Conclusão

Dada a importância do ciúme romântico nos relacionamentos amorosos, esse estudo buscou revisar diferentes concepções teóricas que embasam estudos empíricos, mencionar aspectos gerais do ciúme, comuns as essas perspectivas, encontrados na literatura, assim como, estudos produzidos nacionalmente, ajudando a compreender o ciúme de forma geral, e seus aspectos, como sua forma patológica, no contexto brasileiro.

As abordagens apresentadas anteriormente apresentam semelhanças entre si, ao abordarem o ciúme em seu valor filogenético, ontológico e cultural, abarcando características universais do sentimento, considerando a história de vida e aspectos sociais no qual o indivíduo está inserido. Embora fundamentadas em diferentes estruturas de pensamento, as diferentes visões teóricas sobre o ciúme possuem marcantes consonâncias entre si. As perspectivas citadas anteriormente (cognitivista, análise do comportamento e evolucionista) conceitualizam o ciúme de maneira semelhante, apresentando-o como uma tentativa de permanecer junto ao amado e afastando possíveis rivais a relação. Todas as perspectivas consideram esse comportamento influenciável culturalmente, na medida em que se propaga quando é visto como benéfico em determinadas culturas e tem desempenhado um papel importante do ponto de vista evolutivo.

As concepções cognitivista, comportamental e evolucionistas mencionadas consideram o valor filogenético do ciúme, como sendo uma manifestação universal desse sentimento, compartilhado por indivíduos de diferentes culturais, no qual os indivíduos apresentam reações fisiológicas, como por exemplo, aumento do

batimento cardíaco. Esse processo não é visto como enraizado, mas uma estrutura bem preparada evolutivamente e dependente de estímulos sociais específicos.

Por sua vez, o ciúme patológico não tem uma causa definida e é abordado como causador de prejuízo para o casal. O ciúme patológico faz o indivíduo se sentir ameaçado por um rival real ou imaginário, apresentando baixa autoestima e sentimentos como depressão, raiva e ansiedade. Como meio de defesa à autoestima e ao relacionamento, o ciumento tende a controlar o comportamento e sentimento do parceiro e pode apresentar comportamentos violentos e emoções, como ansiedade, depressão, insegurança e culpa.

Os estudos empíricos realizados no Brasil se embasaram nesses referenciais teóricos. Ao encontrar resultados condizentes com as convergências entre as teorias, como conceptualização do ciúme em seus comportamentos, assim como, contexto cultural, temos evidências de que são instrumentos que conseguem abarcar as facetas do ciúme, resultando em dados que podem ser utilizados pela Psicologia Clínica, inclusive em casos patológicos.

As perspectivas abordaram aspectos diferentes, apresentando semelhanças e divergências entre si. Enfatizando as semelhanças, ajudam-nos a compreender a complexidade do ciúme e a identificar ciumentos patológicos. O diagnóstico correto é fundamental para que seu comportamento não seja banalizado, mas tratado de forma adequada. Contudo, esta revisão não é suficiente para explicar o fenômeno ciúme, pois as sínteses dos enfoques apresentados evidenciam aspectos da época em que foram propostos.

A leitura de diferentes concepções pode instigar novas investigações e servir como suporte para a investigação empírica, utilizando as escalas de medida apresentadas e auxiliando a construção de novos instrumentos, visto que, a tarefa da construção da teoria psicológica não é tarefa do psicometrista (PASQUALI, 2010). A pesquisa do ciúme ainda é incipiente no Brasil. Assim como os estudos empíricos sobre o amor cresceram na última década, a pesquisa sobre o ciúme também tem muito a se desenvolver. O ciúme, entretanto, deve crescer como uma área de pesquisa no Brasil. Trata-se de um campo promissor, cuja expansão já pode ser observada. Dada a relevância do tema, considerando principalmente o quanto as

peças são afetadas por ele, a Psicologia brasileira tem muito a crescer a partir do aprofundamento no estudo sobre o ciúme.

Referências

ALMEIDA, T. **Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações**. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. (2007). doi: 10.11606/D.47.2007.tde-06032007-173046

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BALDWIN, M. W. Relational schemas and cognition in close relationships. **Journal of Social and Personal Relationships**, London v. 12 n^o. 4. p. 547-552. 1995. doi: 10.11606/D.47.2007.tde-06032007-173046

BUENO, J. M. H., CARVALHO, L. F. Um Estudo de Revisão do Inventário de Ciúme Romântico (ICR). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25 n^o. 3, p. 435-444, 2012 doi: 10.1590/S0102-79722012000300003

BUENO, J. M. H., et al. Adaptação do Inventário de Ciúme Romântico (ICR) para a população portuguesa. **Psico-USF**, v.17 n. 3. p. 397-406. 2012. doi: 10.1590/S1413-82712012000300006

BUSS, M. D. (2000). **A paixão perigosa- Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo** (M. Campello, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.

Buunk, B., et al. Sex differences in jealousy in evolutionary and cultural perspective: tests from the Netherlands, Germany, and the United States in American. **Psychological Science**, v. 7 n. 6 p. 359-363. 1996. doi:10.1111/j.1467-9280.1996.tb00389

CASSEPP-BORGES, V., DE ANDRADE, A. L. Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v.18, n^o. 4. p. 631-638. 2013 doi: 10.1590/S1413-294X2013000400011

CASSEPP-BORGES, V., PASQUALI, L. Amor: múltiplas perspectivas. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, F. K. Miguel, L. F. Carvalho, J. M. H. Bueno (Orgs.), **Atualização em avaliação e tratamento das emoções**. São Paulo: Vetor, 2013.

CASSEPP-BORGES, V., TEODORO, M. L. M. Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. **Psicologia: Reflexão, Crítica** v. 20, n^o. 3. p. 513-522. 2007 doi: 10.1590/S0102-79722007000300020

CARVALHO, L. F., BUENO J. M. H., KEBLERIS, F. Estudos psicométricos preliminares do inventário de ciúme romântico- ICR. **Avaliação psicológica** v. 7, n^o. 3. p. 335-346. 2008.

CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição** (D. G. Souza, Coord. e Sup. de tradução). 4 ed. Porto Alegre, RS: Artmed. 1999 (Original publicado em 1998).

CLANTON, G. Jealousy in American culture, 1945-1985. Em G. Clanton, L. G. Smith (Orgs.), **Jealousy** (pp. 258-277). New York: University Press of America. (1998). (Original publicado em 1977).

COSTA, N. Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 7 n^o. 1. p. 05-14. 2005. doi: 10.31505/rbtcc.v7i1.38

COSTA, N, Barros, R, S. Ciúme: Uma interpretação analítico-comportamental. **Acta Comportamental**, v. 18, nº. 1. p.135-149. 2009

COSTA, A., L. **Contribuições para o estudo do ciúme excessivo**. (Dissertação de mestrado) Universidade de São Paulo, SP, 2010.

DARWIN, Charles. **The origin of species by means of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life**. New York: Modern Library. 1936

DE ANDRADE, A. L., GARCIA, A. Atitudes e crenças sobre o amor: versão brasileira da Escala de Estilos de Amor. **Interpersona**. v.3, nº.1. p. 89-102. 2009. doi: 10.5964/ijpr.v3i1.34

DESTENO, D., VALDESOLO, P., BARTLETT, M. Y. Jealousy and the threatened self: getting to the heart of the greeneyed monster. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 91, p. 626-641. 2006. doi: 10.1037/0022-3514.91.4.626

DUARTE, A., FURIATTI, C., VALENTIM, F., LONGHIN, M., BALTHAZAR, M. Ciúme: normal ou doentio? **Terra e Cultura**, v. 20 nº. 39, p. 85-90. 2004. Disponível em: web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura.

FREUD, S. Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade, In (Paulo César de Souza, Trad.), **Obras Completas**. (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Original publicado em 1922)

ELLIS, C., WEINSTEIN, E. Jealousy and the social psychology of emotional experience. **Journal of Social and Personal Relationships**, London, v. 3, p. 337-357. 1986. doi: 10.1177/0265407586033006

GUERRERO, L. K., SPITZBERG, B. H., YOSHIMURA, S. M.. Sexual and emotional jealousy. In J. H. Harvey, A. Wenzel, S. Sprecher (Eds.), **The handbook of sexuality in close relationships**, 311-345. Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004.

GOUVEIA, V., V., SILVEIRA S., S., SANTOS, W., S., SOUZA, S., S., B, BELO, R., P. Escala de Ciúme Romântico (ECR): evidências psicométricas de uma versão reduzida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35 nº. 2, p. 326-341. 2015 doi: 10.1590/1982-370302142013

HARRIS, C. The evolution of jealousy: did men and women, facing different selective pressures, evolve different "brands" of jealousy? Recent evidence suggests not. **American Scientist**, v. 92, nº. 1. p. 62-71. 2004. doi: 10.1511/2004.45.919

HARRIS, C. R., CHRISTENFELD, N. Jealousy and rational responses to infidelity across gender and culture. **Psychological Science** v. 7. p. 378-379. 1996. doi: 10.1111/j.1467-9280.1996.tb00394.x

HERNANDEZ, J. A. E. Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: análise fatorial confirmatória. **Aletheia**, v. 9, p. 15-25. 1999.

HILL, S. E., DELPRIORE, D. J. (Not) Bringing Up Baby: The Effects of Jealousy on the Desire to Have and Invest in Children. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 39 nº. 2. p. 206-218. 2012. doi: 10.1177/0146167212471687

HUPKA, R. B. Cultural Determinants of jealousy. **Alternative Lifestyles**, v. 4, p. 310-356. 1981. doi:10.1007/BF01257943

KANDEL, E. R, SCHWARTZ, J. H, JESSEL, T. M. Princípios de Neurociência. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2003, 1412p.

KURUPPUARACHCHI, K. A. L. A., SENEVIRATNE, A. N. Organic causation of morbid jealousy. **Asian Journal of psychiatry**, v. 4. p. 258-260. 2011. doi:10.1016/j.ajp.2011.09.003

LACERDA, L., COSTA, N. Relação entre comportamentos emocionais e violência contra a mulher. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 15 n°. 3. p. 21-36. 2013 doi:10.31505/rbtcc.v15i3.628

MALLMANN, C. J. Ciúme: do normal ao patológico. **Estudos de Psicanálise**, 43, 43-50. 2015.

MARAZZITI, D., AKISKAL, H. S., ROSSI, A., CASSANO, G. B. Alteration of the platelet serotonin transporter in romantic love. **Psychol. Med.**, v. 29 n°. 3. P. 741–755. 1999. doi: 10.1017/S0033291798007946

MARAZZITI, D., POLETTI, M., DELL'OSSO, L., BARONI S., BONUCCELLI U. Prefrontal cortex, dopamine, and jealousy endophenotype. **CNS Spectrums**, v. 18. P. 6–14. 2013. doi:10.1017/S1092852912000740

MARTINS-SILVA, P. O., TRINDADE, Z. A., SILVA JUNIOR, A. Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. **Psicologia: Ciência, Profissão**, v. 33 n°. 1. p. 16-31. 2013. doi: 10.1590/S1414-98932013000100003

MEAD, M. Jealousy: primitive and civilized. Em G. Clanton,, L. G. Smith (Orgs.), **Jealousy** (pp. 115-126). New York: University Press of America, 1998. (Original publicado em 1977).

MENEZES, A., CASTRO, F. **O ciúme romântico: Uma abordagem analítico-comportamental**. Trabalho apresentado no X Encontro Brasileiro de Medicina e Terapia Comportamental, Campinas, 2001.

PASQUALI, L. Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In L. Pasquali (org.): **Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática** (pp. 165-198). Porto Alegre: Artmed, 2010.

PINES, M., ARONSON, E. Antecedents, correlates, and consequences of sexual jealousy. **Journal of Personality**, v. 51. p. 108-136. 1983 doi: 10.1111/j.1467-6494.1983.tb00857.x.

RAMOS, A. L. M., YAZAWA, S. A. K., SALAZAR, A. F. (1994). Desenvolvimento de uma escala de ciúme romântico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 10 n°. 3. p. 439-451. 1994.

RAMOS, A. L. M. R. **Ciúme romântico: teoria, medida e variáveis correlacionadas**. (Tese de doutorado não publicada) Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, 1998.

RAMOS, A. L. Moraes. **Ciúme romântico: teoria e medida psicológicas**. Lorena, SP: Unisal, 2000.

REIS, B. F. O amor à luz da Psicologia científica. **Psicologia: Reflexão, Crítica**, v. 5 n°. 2. p. 23-40. 1992.

REIS, B. F. Uma escala de atitudes frente a relações afetivas estáveis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 11 n°. 1. p. 67-71. 1995.

REISS, I. L. **Journey into sexuality: An exploratory voyage**. Englewood Cliffs, N.J: Prentice-Hall, 1986. Disponível em: <https://trove.nla.gov.au>.

RIOS, F. C. Sobre ciúmes e erotomania: reflexões acerca de um caso clínico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 16 n°. 3. p. 453-467. 2013. doi: 10.1590/S1415-47142013000300009

SELIGMAN, M. E. P., CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive Psychology: an

introduction. **American Psychologist**, v. 55 nº. 1. p. 5-14. 2000. doi: 10.1037/0003-066X.55.1.5

SHIRAMIZU, V. K. M., LOPES, F. A. A perspectiva evolucionista sobre relações românticas. **Psicologia USP**, v. 24 nº. 1. p. 55-76. 2013. doi: 10.1590/S0103-65642013000100004

SKINNER, B.F **Questões recentes na análise comportamental** (A. L. Neri, trad.). Campinas: Papyrus, 1991.

SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Original publicado em 1953

SUN, Y. et al. Neural substrates and behavioral profiles of romantic jealousy and its temporal dynamics. **Scientific reports**, v. 6. p. 1-10. 2016. doi: 10.1038/srep2746

TAKAHASHI, H, et al. Men and women show distinct brain activations during imagery of sexual and emotional infidelity. **Neuroimag**, v. 32, nº. 3. p. 1299–1307. (2006). doi: 10.1016/j.neuroimage.2006.05.049

TORRES, A. R., RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A., DIAS, R. S. O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 21 nº. 3, p. 165-173. 1999. doi: 10.1590/S1516-44461999000300008

VASCONCELOS, F. M. **O ciúme na análise do comportamento: contribuições teóricas-empíricas**. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, ES, 2011.

VIEIRA, T. S. O. **Ciúme romântico e possíveis relações com traços de personalidade, posição na fratria e diferença entre sexos**. (Dissertação de mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2014). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/28211>.

YAMAMOTO, M. E et al. **Manual de psicologia evolucionista**. Natal: EDUFRN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26065/1/Manual%20da%20psicologia%20evolucionista.pdf>

YOUNG, L. J., WANG,, Z., INSEL T. R. Neuroendocrine bases of monogamy. **Trends Neuroscience**. V. 21, p. 71–75. 1998. doi: 10.1016/S0166-2236(97)01167-3